

---

**“PANTHERA DOS OLHOS DORMENTES”: ANAYDE BEIRIZ, A “FERA-DÓCIO”, DA PRODUÇÃO LITERÁRIA PARAIBANA NO SÉCULO XX. UMA POSSIBILIDADE PARA O ENSINO DE HISTÓRIA.**

**Autora:** Josiane de Lima Mendes ([josilima3@gmail.com](mailto:josilima3@gmail.com))

**Co-autora:** Lívia Maria de Pontes Nascimento ([livinhaliviis@gmail.com](mailto:livinhaliviis@gmail.com))

**Orientadora:** Vanuza Souza Silva ([vanuzaz@gmail.com](mailto:vanuzaz@gmail.com))

Universidade Estadual da Paraíba - UEPB (<http://www.uepb.edu.br>)

**RESUMO**

*“A altivez é o traço predominante do meu caráter, porém minha magoa mais dolorosa, é saber-me impotente para vencer meu destino”.*

Com essa frase Anayde da Costa Beiriz (1905- 1930), traduz sua visão de si mesma. Chamada de bela, ativa e “polemica”, a poetiza Paraibana, revela no caráter renovador, de seu trabalho o fruto de sua personalidade marcante de quem viveu e escreveu, em um período aonde as regras sociais, vem para normatizar e disciplinar, o comportamento das pessoas, dando-lhes, papeis sociais, distintos, definidos não só a partir das classes e relações sociais existentes, mas também de acordo com o sexo, com o qual o sujeito nasceu. Nesse momento, correspondente as décadas de 1920/30, a sociedade paraibana segue um modelo burguês de comportamento, cujo papeis e lugares eram estabelecidos e por tanto, deveriam ser respeitados. Trato aqui, de um recorte local e temporal onde, as ditas “moças de família”, ainda agiam (ou deveriam agir) de forma, comedida e retraída, visto que era isso o determinado pelos códigos sociais de moralidade da época. Dentro do exposto, esse trabalho tenta mostrar, como através do discurso literário, a obra de Anayde Beiriz, revela elementos de sua época, mesmo que por muitas vezes o faça, contrariando os já referidos, modelos comportamentais pré-estabelecidos da época. Busco aqui, justamente, fazer uma análise não somente de um personagem (Anayde) ou de sua obra de forma isolada e distinta, mas sim tento utilizar ambos, de forma entrelaçada, complementando um ao outro, a fim de verificar, nesse caso específico, como mesmo sem estar encaixado diretamente, em modelos comportamentais de determinados períodos, uma obra literária, estudada em seus vários aspectos podem falar sobre os seus referentes momentos, servindo assim de complemento ao estudo (e ensino) da História. Dessa forma, trago nesse trabalho, uma proposta, de utilização da biografia como recurso didático, no ensino de História. Para mostrar os elementos, propostos, usarei a obra “Anayde Beiriz, Pantera dos olhos dormentes” de Marcus Aranha (2005), analisando-a a partir de teóricos como FOUCAULT (1999), e historiadores como PERROT (2005).

**Palavras-chave:** Mulher, educação, comportamento.

**Introdução**

Quando nos desperta o interesse, em entender a ligação entre costumes, crenças, e modelos de vida, adotados por grande parte das sociedades atuais e suas origens,

principalmente, nos campos relacionados às regras e convenções destinadas, para as mulheres, veremos que, esse modelo, tem raízes, nos conceitos propostos e mais tarde seguidos, nas idéias européias, inauguradas na dita “modernidade”. Grande parte desses modelos seguem vivos durante os séculos XIX, XX e até hoje: o social segue regras comportamentais, que dão a **família patriarcal** um papel institucional, onde as relações de gênero estabelecem que a mulher, passe a ser vista e tratada sob rigorosos códigos que traduzam o que seria agora, considerado moralidade e virtude. O espaço a elas reservado, agora é o cenário privado, o lar que é onde será desempenhado os papéis a ela designado. Partindo desse pressuposto, e entendendo que o modelo seguido, na Paraíba, mesmo durante a década de 1920 (a época em que o comportamento feminino, passa por suaves rupturas no comportamento), segue essa linha, onde o feminino, esta sob conceitos e ordens rigorosas, sufocando muitas vezes a todo custo, toda e qualquer manifestação, que ameaçasse ferir com as regras sociais.

É nesse contexto histórico - social, que aprece a personagem desse trabalho: Anayde Beiriz. Essa mulher, que vive na Paraíba, “moralizada” do início do século XX, contem características e elementos, que nos mostrarão, além do cotidiano dessa sociedade nesse período, mas também, mostrada como um ser humano (portanto contraditório e imperfeito) Anayde, e sua história, nos oferecem uma possibilidade de ver e entender como a história de modo e geral, e, sobretudo a história das mulheres, é composto não necessariamente por atos heróicos e de grandes proporções, mas principalmente, por atos comuns pessoas comuns. A história proposta desse trabalho é trazer esse conceito de “histórias comuns” para o cotidiano da sala de aula, de história.

## **METODOLOGIA**

Esse trabalho é iniciado, com uma breve abordagem do contexto social ao qual o nosso personagem “Anayde Beiriz” está inserido, o início do século XX, especificamente, entre os anos de 1905 a 1930, período em que ela viveu. Aqui será mostrado o cenário, no qual o personagem estava, para que possamos entendê-la, de acordo com o ambiente e temporalidade no qual estava inserida, para que a partir desse conhecimento, possamos tecer algumas reflexões sobre a figura da mulher paraibana, que seguia os códigos comportamentais herdados do modelo de estado burguês. Para isso, foram feitas leituras, sobre comportamento feminino na “modernidade”.

Em um segundo momento, especificaremos dados sobre o objeto do trabalho, e personagem da História, a paraibana Anayde Beiriz. Esses dados foram obtidos, a partir, do levantamento bibliográfico, realizado entre os meses de Junho e setembro de 2010, no qual foram realizadas a leitura de diversos livros, artigos e dissertações, que mesmo com objetivos diferentes, trouxessem informações, referentes à Anayde, sua vida, obra, bem como os discursos que foram gerados sobre ela em momentos do passado até o presente, tendo sempre o cuidado, de buscar a história de um personagem humanizado. Por fim, é feita a análise e o cruzamento, dos dados obtidos ao longo da pesquisa, sobre o papel da mulher no início do século XX, e informações sobre Anayde. É feito também, o diálogo, entre os temas abordados até então, para enfim mostrar, partindo do estudo, de uma figura histórica, podemos trabalhar na sala de aula de história. “Desmistificando os personagens, transformando em “humanos” e assim mostrando aos alunos, uma História muito mais condizente com a realidade que os cerca.

## **DISCUSSÃO**

Para entender, este trabalho, é preciso compreender o contexto social e temporal (Paraíba 1905-1930), onde Anayde Beiriz, viveu. O modelo de família burguesa, a proposta de comportamento feminino, a definição de papéis dentro da sociedade e as consequências do não segmento das mesmas, são elementos presentes no cotidiano, até hoje. É importante pensarmos nisso, para entendermos que, as características do contexto social, ao qual nos referimos, são condizentes com a sua época. E sendo assim, as pessoas como “fruto de seu tempo” adotam o comportamento e pensamento no qual estão inseridos. Por isso mesmo, não cabe, julgá-la por suas atitudes, mas sim tentar compreender, como e o que as levou a agir de determinadas formas, compreendendo sobre tudo, as pessoas como seres humanos, e não a visão maniqueísta de bem e mal, que coloca os sujeitos ou como vilões que devemos condenar ou como mocinhos que devemos heroicizar.

O momento histórico no qual viveu Anayde Beiriz estava regido pelo Modelo de vida “burguês”, herança da dita “modernidade” européia. Trato aqui da sociedade “moralista” e “normatizante” – e normatizada - do início do século XX, cuja família patriarcal e a religiosidade latente, acabavam por reafirmar papéis sociais destinados,

revelando uma relação de poder. Como símbolo da fragilidade, as mulheres teoricamente precisavam ser protegidas do mundo externo, o público, ficando cada vez mais no privado, por isso deveria cuidar da educação dos filhos:

O útero define a mulher e determina o seu comportamento emocional e moral. Na época, pensava-se que o sistema reprodutor feminino era particularmente sensível, e que essa sensibilidade era ainda maior devido à debilidade intelectual. [...] A combinação de fraqueza muscular e intelectual e sensibilidade emocional faziam delas seres mais aptos para criar filhos. (PERROT, 2005)

Anayde é educada dentro desses valores “morais”, hoje considerados rígidos, mas que eram os vigentes da época, sendo criada para ser mais uma moça, delicada bem educada e servil, como convinha a uma boa moça “de família”.

Porém, é importante ter em vista, o caráter particular desse momento, onde a sociedade passa por uma mudança comportamental, quando se verifica uma “abertura” no comportamento feminino, vista principalmente, na ruptura do “lugar” a elas desejada, pois é a partir desse momento que elas começam a manifestar a vontade de sair de casa, e aparecer nas ruas.

Tanto em sua biografia, quanto em seus poemas, Anayde se mostra como, uma mulher, passional e intensa, utilizando em seus textos, de palavreados, que embora demonstre a sua influencia dos novos modelos artístico, derivados da semana de arte moderna de 1922, não condizem com o comportamento desejado e admitido para “moças de família” da década de 1920:

“(…) O amor que não se sente capaz de um sacrifício não é amor; será, quando muito, *desejo* grosseiro, expressão bestial dos *instintos*, incontinência desvairada dos sentidos, (...) E eu não quero amar, não quero ser amada assim... Porque quando tudo estivesse findo, quando o *desejo* morresse, em nós só ficaria o tédio; nem a saudade faria reviver em nossos corações a lembrança dos dias findos, dos dias de *volúpia de gozo efêmero*, que na nossa febre de amor sensual tínhamos sonhado eternos. Anayde Beiriz em Carta de 1926 para Heriberto Paiva (grifos meus)

Mais que um corte de cabelo ousado e utilização de maquiagem, num momento em que as ditas “moças de família” não poderiam o fazer, Anayde, rompe com os padrões estéticos e sociais de sua época. Em 1925, aos 20 anos, Anayde ganha concurso de beleza de seu estado. Sua beleza chama atenção até de seus amigos, que passam a

chamá-la de “**Panthera de olhos dormentes**”, devido seus grandes e negros olhos, cujo olhar era forte e agressivo.

Em, 1930, após a morte de Anayde, sua obra literária foi quase que totalmente destruída. Porém, a partir do pouco que foi recuperado, vemos que seus escritos eram marcados por versos ‘futuristas’ sem métrica e sem rima, reflexos da semana de arte moderna de 1922, sendo por isso a poesia de Anayde, considerada uma poesia, “**moderna**” e sensual, despida de qualquer norma social e que falam aparente de dor em versos, que falam de amor, **sem culpa e pudor**. Sua escrita de si mostra características da personalidade de Anayde, pois como fala Foucault (2002, p 150) “escrever é mostrar-se, dar-se a ver, fazer aparecer o rosto próprio, junto ao outro”, ou seja, a escrita é uma forma de externar, nossas subjetividades, visões de si, e por que não do mundo que nos rodeia.

## **CONCLUSÕES**

Anayde se mostra sempre como uma mulher, cheia de contradições, enfatizando aqui, que esse trabalho não busca criticá-la por isso, muito ao contrario, visto que minha intenção é antes de tudo mostrar esse personagem, de forma humana, com suas qualidades e defeitos, contraditória, como qualquer um de nós. Faço isso, com a intenção de desmistificaras figuras históricas, de modo geral, numa tentativa de distanciamento com a história dos heróis.

Esse trabalho, como foi dito no inicio, traz a proposta, de buscar, um personagem da nossa historia, mostrando o mesmo de forma humana, para que assim, este se constitua uma fonte, utilizada na sala de aula do professor de historia, que pode a partir disso, trabalhar com os alunos, a história das pessoas reais, como eles e as pessoas q eles convivem, para quem sabe assim, despertar neles o interesse pela historia, que antes dos grandes nomes, será a historia deles mesmos.

## **Referencias bibliográficas:**

- JOFFILY, José. **Anayde Beiriz: paixão e morte na revolução de trinta**. Rio de Janeiro: Companhia Brasileira de Artes e Ofícios (CBOG) 1980.  
PERROT, Michelle. Trad. Viviane Ribeiro. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005.

---

ARIÈS, Philippe e DUBY, George (coleção dirigida por). **História da vida privada: da revolução Francesa a primeira guerra**, volume 4. São Paulo: Cia. das Letras, 1992.

MACHADO, Roberto. **Foucault, a filosofia e a literatura**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2001.

(Wikipédia, 2010). Disponível em:

[http://pt.wikipedia.org/wiki/Ana%20de\\_Beiriz](http://pt.wikipedia.org/wiki/Ana%20de_Beiriz). Acessado em: 28 de abril de 2010.